

A INCLUSÃO DO ENSINO DE LÍNGUA ESPANHOLA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Amanda Bezerra Gouveia; Naiara Gomes de Araújo Borges; Rickison Cristiano de Araújo Silva; Maciele Henrique de Medeiros

*Universidade Estadual da Paraíba; Universidade Estadual da Paraíba; Universidade Estadual da Paraíba.
amandabg0525@gmail.com; naiaraborges07@hotmail.com; Rickison_cristiano@hotmail.com;
macielehmedeiros@gmail.com.*

Resumo: O presente artigo tem como objetivo apresentar reflexões sobre o ensino de espanhol para alunos da EJA - Educação de Jovens e Adultos, apresentando seu percurso histórico, refletindo os motivos que deram origem a esta modalidade de ensino e suas respectivas mudanças ao longo do tempo. Analisamos deste modo o papel do docente mediante esta modalidade de ensino incluindo esta possibilidade durante sua formação, trazendo assim essa constante reflexão do docente para os prováveis desafios que possa encontrar ao lecionar para Jovens e Adultos mediante o contexto que os insere. É refletido também a inserção de línguas estrangeiras no programa curricular da EJA, voltando-se deste modo especificamente para a língua espanhola. Neste horizonte, abarcamos sua inclusão no ambiente escolar da modalidade de EJA ressaltando sua importância na formação do discente e assim as oportunidades que os integram. Quanto a nossa metodologia o desenvolvimento do artigo, foi utilizada uma pesquisa de caráter bibliográfico sobre o tema, uma vez que nos baseamos em estudiosos que tratam muito bem a temática estudada, aos quais foram utilizados os autores: Santana (2016), Siqueira (2009), Bortolini & Kruger (2008).

Palavras-chave: EJA. Língua Espanhola. Formação docente.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Refletindo a disciplina de língua espanhola na grade curricular da modalidade de Educação para Jovens e Adultos - EJA, o ensino voltado para jovens e adultos tem sua trajetória desde antes do Império Colonial, no qual teve como ponto de partida a intenção de alfabetizar e “civilizar” europeiramente os índios e brancos que viviam no Brasil. Mas essa perspectiva mudou, após a consolidação do império, ao qual com a monarquia já instalada, fez-se necessário a formação de doutores em diferentes áreas acadêmicas o que ocasionou uma perspectiva de ensino muito diferente, abarcando então a educação inicial nivelada por faixa etária e series escolares. Com isso houve uma grande interrupção no retorno educacional para muitos jovens e adultos, que não tiveram acesso aos estudos ou que tiveram sua escolarização interrompida por diversos motivos e mediante isto a EJA trouxe essa grande oportunidade para milhares de brasileiros.

Abarcando desde o ensino fundamental até o ensino médio, a EJA traz o valor do certificado curricular com igualdade ao do ensino regular, contudo o ensino de línguas estrangeiras, em especial o espanhol, é trabalhado de forma defasada, e provavelmente sem a mesma projeção que é dada ao ensino regular. Posto isto, este artigo tem como objetivo refletir o ensino do espanhol na EJA e ressaltar a importância do estudo desta língua, enfatizando-se com apoio teórico, o quanto a relação dos alunos de tal modalidade de ensino se enriqueceriam com este aprendizado.

Trazendo então esta historicidade do Ensino para Jovens e Adultos, o artigo inicia no primeiro momento essa reflexão do interesse do ensino para esta classificação de alunos, pelo qual o foco era norteado para trabalhos laborais em que então se fazia presente o interesse dos modos sociais e religião européia. Em um segundo momento é refletido a formação docente mediante esta modalidade de ensino, trazendo suas vertentes e refletindo esse apoio institucional na preocupação de formar professores em língua estrangeira e capacitá-los para este mercado trabalho.

Por último, faz-se uma análise no Ensino de Língua Estrangeira na Educação de Jovens e Adultos, em que são abordados os desafios que um professor de língua estrangeira enfrenta para ensinar nesta modalidade, pelo qual são levantados questões como materiais didáticos que são oferecidos sem voltar-se para esta modalidade de ensino, adequação de suas aulas no tempo de seis meses por nível escolar, pelo qual se difere muito do ensino regular e o próprio preconceito idiomático, em que o professor terá que trabalhar a desconstrução de possíveis barreiras que apresentem seus alunos no curso de suas aulas, envolvendo assim um planejamento didático maleável e permissivo a alterações necessárias.

1. EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS– EJA

Fazendo-se um percurso histórico, a concepção do ensino para jovens e adultos teve sua trajetória iniciada um tempo antes da consolidação do Império no Brasil. É no período colonial que a EJA inicia sua caminhada, os missionários, com a missão de educar religiosamente, ensinavam além da língua, a religião aos brancos e indígenas.

De acordo com Santana (2016) é neste Brasil colonial, em que os jesuítas começam a fundar colégios por todo o Brasil, trazendo o ensino regulamentado consoante com os critérios estabelecidos dos colonizadores portugueses,

que precisavam de trabalhos laborais e atividades extrativistas, o que explica esse ensino voltado com prioridade à adolescentes e adultos do que propriamente para as crianças.

Com a expulsão desses jesuítas do Brasil, o governo se responsabiliza pela educação e ocasiona diversas transformações no ensino, assim como nos traz Santana (2016, p.3) "[...] toda estrutura educacional passou por transformações, por exemplo: a uniformidade da ação pedagógica, a perfeita transição de um nível escolar para outro e a graduação foram sendo substituídas pela diversidade das disciplinas isoladas [...]".

E assim, a estrutura educacional ia passando por diversas mudanças de acordo com a necessidade que se apresentava, e o acesso era cada vez mais limitado para aqueles que se encontravam fora da faixa etária do nivelamento institucional, assim como relata Santana (2016), que principalmente no Império, para atender às necessidades da monarquia, o incentivo foi muito maior em formar mestres e doutores o que politicamente era um salto para a independência do país. Desta maneira, houve uma grande ascensão de jovens e adultos analfabetos principalmente da classe proletariado, que não conseguiam ascender no mercado de trabalho por justamente não conseguir terminar os estudos.

Com a criação da Lei de Diretrizes e bases da Educação Nacional - LDB n.9.394/96 pelo Governo Federal, a EJA (que vem com essa nova nomenclatura substituindo o antigo supletivo) desde o artigo 4º, incisos I e XI, aos artigos 37 e 38, vem respaldando o direito de acesso aos estudos por essa modalidade de ensino, para essa classe de alunatos no Brasil que não conseguiram estudar ou terminar os estudos. Instituído assim seus direitos e garantias, em que oferece além do retorno aos estudos, condições de horários flexíveis, transporte para áreas de difícil acesso à escola e certificado de conclusão de curso com o mesmo valor do ensino regular.

E ao abordamos esta modalidade de ensino, e observando-a pelas vertentes que nos designam a pensar na sua funcionalidade e objetivos para a qual foi criada, a Educação de Jovens e Adultos chegou com a perspectiva de trazer à muitos a oportunidade de qualificação e grau profissional, o que faz-nos refletir sobre essa oportunidade tardia e motivos que negou à muitos essa educação em seu nível de faixa etária adequado, refletindo essa adequação em seu nível de temporalidade ideal educacional, assim como nos relata Siqueira (2009, p.34):

[...] descobre-se que os estudantes desta modalidade de ensino entraram precocemente no mercado de trabalho, muitas vezes abandonando a escola para trabalhar na roça com seus pais, na cozinha para que quando seus irmãos mais velhos e pais retornassem à residência, oriundos da fábrica ou da roça, o alimento já estivesse preparado. Ou ainda, uns iam trabalhar nas fábricas a fim de

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

www.cintedi.com.br

receber um salário e contribuir com os proventos da família e outros ficavam em casa para suprir as necessidades da mesma, tais como cozinhar, lavar, passar roupas, cuidar dos irmãos mais novos, arrumar a casa, enfim os afazeres domésticos diários que eram dispensados principalmente ao sexo feminino e jovens e crianças.

Fazendo-se esta reflexão de certo modo de curso histórico - pois, através do que aqui foi relatado por Siqueira (2009) é um fator cultural da época de muitos – todo tem um avô, avó, tia, ou um familiar que por algum motivo teve que se abdicar de estudar, por falta de interesse ou incentivo dos pais, por começar a trabalhar mais cedo, ou até falta de motivação proporcionada pela escola, fatores que conduzem os jovens a se afastarem da sala de aula.

E com o passar dos tempos, por vontade própria ou por motivos profissionais necessitam retomar os estudos, o que os proporcionam ingressar na concorrência do mercado de trabalho, oferecendo uma chance de grau profissional e, por conseguinte uma estabilidade salarial.

Voltando-se assim para esta grande oportunidade de retorno e de rápida formação, já que falamos de períodos de um semestre por nível escolar, faz-se necessário uma reflexão sobre esta qualidade de ensino que está sendo passada na preparação dos professores de língua estrangeira para esta modalidade de ensino e a adequação de suas aulas para recepção de turmas compostas de idades variadas.

1.1 FORMAÇÃO DOCENTE PARA A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS - EJA

No ensino para Jovens e Adultos o professor se depara com as diferentes formas de aprendizagem que se difere muito de aluno para aluno assim como traz Siqueira (2009) em que cada um faz seu tempo de estudo adequando-se ao seu quadro pessoal de vida, e é neste ponto que a EJA se diferencia como modalidade de estudo do ensino regular, em que cada um tem seu ritmo de estudo, uns mais acelerados que outros, e essa flexibilidade de horário vêm trazer esta estabilidade do ensino abrangendo a todos em comum.

Com isso, temos nestes pontos como o professor que leciona nesta modalidade de ensino deve se ater às particularidades que trazem seus alunos, já que são pessoas que trazem bagagens muito diferentes daqueles de ensino regular, como vemos em Bortolini e Kruger, (2008, p.4):

É preciso considerar neste trabalho que os alunos da EJA possuem

vivências, experiências e conhecimentos que os diferem dos alunos da educação regular. Não que estes não possuam, mas, o tempo de vida é diferente e as relações diversas nas quais participaram os educaram no sentido de conhecimentos competências técnicas e profissionais que a vida já lhes proporcionou.

Neste mesmo horizonte, a Lei de Diretrizes e Bases (1996) mostra a necessidade de formar profissionais da educação que atenda às necessidades e objetivos dos diferentes níveis, modalidades de ensino e as particularidades de cada fase.

Mediante esta exposição de fatores que os docentes enfrentam ao ingressar em uma modalidade como a EJA, a competente preparação dos professores, que por sinal é muito exigida, faz toda a diferença, isso quando agregada ao contexto social em que estão enquadrados seus alunos, Santana (2016) traz essa visão em que o professor desde a formação inicial desses discentes, estime constante preocupação com seu agir docente e preparo adequado para adotar metodologias que satisfaçam de maneira geral a realidade e problemática que encontre ao dar suas aulas.

E atendo-se ainda a esta preocupação do professor em estar preparado para ministrar classes nesta modalidade de ensino, necessita-se fazer uma reflexão na formação do mesmo. Quando percebemos problemáticas que dificultam um pouco na formação docente voltado para a EJA, temos como exemplo a Universidade Estadual da Paraíba -UEPB em que a grade curricular de estudantes de letras - para ser mais exato - não oferta como disciplina obrigatória esta modalidade de ensino fazendo muitas das vezes com que esses futuros professores que se interessem por tal modalidade, a busquem como disciplina eletiva que está inserida no curso de pedagogia. Em relação a essa necessidade, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena evidenciam de forma clara o papel das universidades formadoras promoverem e se preocuparem com a formação de professores para esta modalidade:

No Brasil, um curso de formação de professores não pode deixar de lado a questão da educação de jovens e adultos, que ainda é uma necessidade social expressiva. Inúmeras experiências apontam a necessidade de pensar a especificidade desses alunos e de superar a prática de trabalhar com eles da mesma forma que se trabalha com os alunos do ensino fundamental ou médio regular. Apesar de se tratar das mesmas etapas de escolaridade (ensino fundamental e médio), os jovens e adultos, por estarem em outros estágios de vida, têm experiências, expectativas, condições sociais e psicológicas que os distanciam do mundo infantil e adolescente, o que faz com que os professores que se dedicam a esse trabalho devam ser capazes de desenvolver metodologias apropriadas, conferindo significado aos currículos e às práticas de ensino. A construção de situações didáticas eficazes e significativas requer compreensão desse universo, das causas e dos contextos sociais e institucionais que configuram a situação de aprendizagem dos seus alunos. (BRASIL, 2001, p. 26).

Assim, os cursos devem oferecer um destaque para esta modalidade, afim de que seus graduandos se preocupem e se dediquem também para a construção de uma formação que atenda as especificidades da EJA.

Ingressando ainda nesta perspectiva de formação docente, adequação ao contexto social, e a variedade de alunos imergidos em uma única sala, iremos a seguir analisá-las no sentido de como o professor de língua estrangeira adéqua suas aulas a esse contexto, sua preparação mediante tal modalidade e a recepção por parte das instituições que oferecem este ensino e a oferta destas disciplinas.

1.2 ENSINO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Sabemos então que a oferta de uma língua estrangeira no ensino regular é obrigatória e não seria diferente para a EJA, que com o passar do tempo foi ganhando seu lugar na sociedade com o peso do certificado de conclusão, e como uma disciplina inclusiva no currículo escolar, foi se modificando e porque não, expandindo essa visão sobre o Ensino de Língua Estrangeira tornando-o um nivelador, em que qualifica o indivíduo no cursor de sua aprendizagem, deste modo Bortolini e Kruger(2008, p.2) vêm discorrendo sobre este quesito:

Em se tratando de Educação de Jovens e Adultos a história se modifica. Foi somente a partir da década de 30 que ela começa a delimitar seu lugar, quando finalmente se começa consolidar um sistema público de educação elementar no país. A discussão sobre currículo e a definição de que uma língua estrangeira deve fazer parte da grade curricular só apareceram depois de longos anos de história e, de tempos, se revoga o dito e se incluem novas formas de se encarar esta modalidade de ensino.

Vemos assim que com esta nova abertura tanto para professores como para os próprios alunos, a língua estrangeira inserida na grade curricular da EJA vem com este novo desafio de romper com preconceitos ou estigmas. Sabendo-se que a EJA abarca pessoas de idades variadas, o professor pode se deparar com expectativas diversas, que o desfiarão em sua abordagem de aula. Mediante isto, estudar uma nova língua significa conhecer o novo, o que para muitos se denomina “estranho”, principalmente quando a referência são pessoas de uma dada época em que a língua estrangeira era intimamente ligada à classificação de expansão de um país.

De acordo com Bortolini e Kruger (2008), o professor de uma língua estrangeira tem uma importância fundamental na sua atuação como docente, que de acordo com suas convicções coordenará suas aulas trazendo a superação de prováveis aspectos como preconceitos e sentimentos de inferioridade ao qual cada aluno traz imbuído em sua cultura subjetiva e preceitos moralmente socializados. Por isso que na formação deste profissional o ensino deve ser passado em que a língua não pode ser aprendida/adquirida sem envolvê-la a cultura que a abrange.

Outro desafio para o professor desta modalidade de ensino é compreender suas aulas no prazo de seis meses, no qual se realiza um nível escolar ou científico, ao contrário do ensino regular em que o mesmo teria um ano completo para trabalhar com mais afinco e mais riquezas de detalhes. Um ponto importante a se destacar é o quadro de conteúdos que estes docentes se deparam para trabalhar suas classes, em que muito dos casos o professor tem que estar preparado para adaptá-lo à real necessidade de seus alunos, fazendo verdadeiras manobras para fugir do monótono e repetitivo ensino tradicional de tradução, além da falta de materiais didáticos, ou materiais didáticos que não atendam ao público alvo ao qual foi resignado, assim como expõe Silva (2010, p.41):

Por ser algo obrigatório, as escolas montam os conteúdos sem verificar quais são relevantes e que realmente serão ensinados aos alunos. Dessa forma, montam currículos desconectados com a realidade dos educandos, divididos em bimestres e que o professor daquela disciplina terá que trabalhar [...] Em muitas escolas nem sequer adotam algum livro ou apostila para que os alunos possam acompanhar durante as aulas [...].

É percebido então que apesar de estar na grade curricular à oferta de pelo menos uma língua estrangeira obrigatória, se atêm mais para preenchimento de currículo, e a preocupação e a importância desta disciplina para estes alunos da EJA não se faz muito destacada. Isto é demarcado quando refletimos na formação dos professores em que não há uma disciplina obrigatória na EJA que preparem estes profissionais para esta modalidade de ensino, assim como aqui já explicitado.

Se nos direcionarmos então para o trabalho das habilidades -fala, escuta leitura e escrita- por completo, o professor de língua estrangeira ainda tem um ponto em especial para se preocupar: a habilidade da fala. Com a constante preocupação do desenvolvimento das quatro destrezas, para os alunos da EJA isso significa um desafio dobrado em sua aprendizagem, o que também fica a desejar, além de só ofertar em muitas das vezes uma língua estrangeira como optativa, o material didático

traz somente algumas conjugações verbais e tradução textual, sem haver qualquer interação com o aluno, ou abertura para a desenvoltura da fala em que o professor possa nortear suas aulas.

Nisto, cabe ao professor de língua estrangeira usar de sua criatividade para trazer aos alunos suportes didáticos que possam auxiliá-lo em suas aulas, trazendo assim a atenção dos alunos e incitando o interesse para a nova língua. Atentando-se ainda à necessidade de uma língua estrangeira na EJA, é importante que seja ofertado além do inglês o idioma espanhol, pois é notável sua importância quando refletimos, por exemplo, nas relações que o Mercado Comum do Sul- MERCOSUL exige com o Brasil e os demais países que o cercam e que falam a língua espanhola, a oferta de oportunidades no mercado de trabalho, pois o espanhol é falado em mais de 20 países e em diversas organizações internacionais é língua oficial, além de uma pluralidade cultural estar sendo muito cobrada em áreas de tecnologia, pois é a segunda língua mais falada no mundo, tendo assim grande importância em relações midiáticas principalmente em comunidades europeias.

Outro ponto importante quando nos referimos sobre a língua espanhola na grade curricular da EJA, são aqueles alunos que cursam esta modalidade e que desejam ir mais adiante, como por exemplo, ter a oportunidade de escolha do espanhol para as provas do Exame Nacional do Ensino Médio-ENEM, ou para se fazer um doutorado, em que se faz necessário ter um segundo idioma e também para possíveis interações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através das considerações apresentadas ao longo do nosso trabalho sobre o ensino língua espanhola na Educação de Jovens e Adultos, percebemos o quanto o ensino de línguas estrangeiras está defasado nesta modalidade de ensino no Brasil.

As políticas de ensino educacionais priorizam em lei a existência de oferta obrigatória de pelo menos uma língua estrangeira na grade curricular da EJA, porém priorizando o inglês e remetendo ao espanhol a “secundariedade”. Com isso a EJA que vêm como uma modalidade de ensino igualitária e geradora de oportunidades para aqueles que por algum motivo não fizeram ou não terminaram a escolarização, ficam limitados em muitas das vezes pela falta da própria oferta de uma língua estrangeira, ou ainda pela oferta de pelo menos uma que em muito dos casos não é trabalhada com perspectivas voltadas para este ensino.

Desta forma, pontuamos que ainda há muito no que avançar no ensino para Jovens e Adultos no que

tange o ensino de línguas estrangeiras, e assim possa ser realizada de fato esta igualdade curricular e acrescentando assim oportunidades para os alunos que cursam tal modalidade, da mesma maneira como é para os do ensino regular.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, da **Lei de Diretrizes e bases da Educação Nacional** n.9.394, 20 de dezembro de 1996.

_____. Parecer CNE/CP n. 09/2001, de 8 de maio de 2001. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena.** Conselho nacional de Educação, Ministério da Educação, Poder Executivo, Brasília, DF, 2001a. Disponível em:<<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/009.pdf>>. Acesso em: 27 jun. 2018.

BORTOLINI, Rosane. KRUGER, Cleci Irene Trentin. **Algumas considerações sobre o Ensino de Língua Estrangeira na EJA.** Synergimus scyentifica UTFPR, Paro Branco,03 (2-3),v.3,n.23, 2008.

SANTANA, Daniele Cordeiro dos Santos de. **EJA: Breve Análise da trajetória e Tendências de Formação do Educador de Jovens e Adultos.** P.1-13. 2016

SILVA, Mosiana de Macedo. **O Ensino da Língua Inglesa aos alunos da EJA.** Vi. En, v. 02, n.02 p.40-47,out/fev.2010/2011.

SIQUEIRA, André Boccasius. **O Retorno de Jovens e Adultos aos Estudos Formais após 20, 30,40 anos.** Unisul, Tubarão, v.2, n.1, p. 32-43, Jan./Jun.2009.